

## A Revolução Russa e a construção da III Internacional

CARLOS PRADO\*

*“Assim, se forja e toma forma, se consolida e se tempera no fogo, o primeiro destacamento da internacional, a vanguarda que, sendo a primeira, conquistou o poder e a ambição de mostrar o caminho, que seria, queiramos ou não, uma espécie de modelo para os outros”.*  
(Broué, 2007, p. 58).

### Resumo:

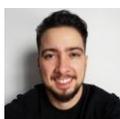
O presente texto analisa a influência que a revolução russa exerceu sobre a construção da III Internacional (Comintern). Num primeiro momento investiga-se a guerra e a falência da II Internacional. Posteriormente aborda-se o processo e os debates que antecederam a construção da nova organização. Por fim, analisam-se os documentos produzidos pelo primeiro congresso da III Internacional, evidenciando como a experiência russa, influenciou o programa da Comintern. Ao apontar a necessidade da tomada do poder do Estado e da construção da ditadura do proletariado pelo regime dos soviets, a recém-criada Internacional Comunista estava abraçando o modelo russo de revolução.

**Palavras-chave:** Revolução Russa; Internacional Comunista; Estado.

### Abstract:

The present text analyzes the influence that the russian revolution exerted on the construction of the Third International (Comintern). In a first moment the war and the bankruptcy of the Second International are investigated. Later, the process and the debates that preceded the construction of the new organization are discussed. Finally, we analyze the documents produced by the first congress of the Third International, showing how the russian experience influenced the program of the Comintern. In pointing out the need for the taking of state power and the building of the dictatorship of the proletariat by the Soviet regime, the newly created Communist International was embracing the russian model of revolution.

**Key words:** Russian Revolution; Communist International; State.



\* CARLOS PRADO é Professor do Departamento de História da UFMS e doutorando no PPGH-UFF.



## A Guerra e a falência da II Internacional

A eclosão da I Guerra Mundial simbolizou o fim não apenas da fase áurea do capitalismo, mas também foi um golpe fatal para o socialismo em sua vertente reformista. A palavra de ordem “guerra contra a guerra” foi até 1914 a posição majoritariamente assumida pelos partidos membros da II Internacional. Esse foi o compromisso assumido em diversos congressos que antecederam a eclosão do conflito intercontinental<sup>1</sup>. Todavia, com o início

<sup>1</sup> Em novembro de 1912, com o conflito imperialista se tornando cada vez mais evidente, o bureau da II Internacional convocou um congresso extraordinário que se realizou em Basileia, na Suíça. Nesse encontro foi aprovado, por unanimidade, um manifesto que destacava os perigos da guerra que se aproximava e que esse confronto só poderia ter um caráter imperialista. A posição assumida pelos delegados socialista no “Manifesto da Basileia” foi a de lutar contra a guerra, respeitando o

da guerra, alguns partidos, especialmente o alemão e o francês começaram a rever esse posicionamento e, adotando uma posição “defensista”, votaram a favor da alocação de recursos, pelo Estado, para financiar a guerra. Justificavam-se afirmando que era preciso se colocar ao lado da burguesia nacional para defender a pátria de um inimigo externo. No caso alemão, justificavam essa política afirmando que nada poderia ser pior para a classe operária do que a vitória do império russo. Já os franceses, afirmavam que a vitória da Alemanha seria uma enorme derrota para a classe operária. Assim, os partidos social-democratas passaram a defender uma posição patriótica, na qual o inimigo a ser combatido era externo. Abandonou-

princípio antimilitarista e internacionalista. Assim, o campo socialista aparecia como uma força anti-imperialista que exaltava a paz e a solidariedade do proletariado.

se uma perspectiva de luta de classes em favor de uma abordagem social-chauvinista.

As guerras são momentos decisivos para os homens e suas organizações e a II Internacional não sobreviveu ao conflito. Não resistiu porque seus líderes abandonaram a perspectiva internacionalista e se tornaram patriotas, votando a favor dos créditos da guerra. Foram apenas duas exceções; os russos e os sérvios. “Quer chamemos de “traição” ou de “falência”, o drama é o mesmo: a Internacional dos trabalhadores, a Internacional socialista (...) desapareceu enquanto força de mudança social e de paz” (BROUÉ, 2007, p. 15).

Lenin foi um dos principais críticos dessa política adotada pelos partidos social-democratas. Ele contesta de forma implacável a atitude dos líderes socialistas que ao invés de desmascarar as frases patrióticas divulgadas pela burguesia em defesa da guerra e revelar os interesses imperialistas do conflito, acabaram apoiando a política nacionalista das classes dominantes.<sup>2</sup> Lenin denuncia que os partidos socialistas não se colocaram do lado oposto aos governos burgueses, pelo contrário, “chamaram a classe operária a *fundir* a sua posição com os imperialistas” (LENIN, 1914). Essa conduta nacionalista, o líder

<sup>2</sup> “É preciso constatar com um sentimento da mais profunda amargura que os partidos socialistas dos principais países europeus não cumpriram esta tarefa, e a conduta dos dirigentes destes partidos, particularmente do alemão, confina com a traição direta à causa do socialismo. Num momento da maior importância histórica mundial, a maioria dos dirigentes da segunda internacional tenta substituir o socialismo pelo nacionalismo”. (LENIN, 1914)

bolchevique declara como uma evidente traição ao socialismo<sup>3</sup>.

Os socialistas alemães não apenas votaram a favor dos créditos de guerra fazendo coro as palavras de ordem patrióticas, mas também entraram para os ministérios da burguesia imperialista. Lenin observa que por traz dessa traição existiam motivações econômicas, ou seja, estes dirigentes esperavam que essa aliança patriótica rendesse algumas vantagens. “Um pequeno círculo da burocracia operária, da aristocracia operária e de companheiros de jornada pequeno-burgueses podem receber algumas migalhas dos grandes lucros da burguesia” (LENIN, 1916).

Importante destacar que, nesse primeiro momento, Lenin ainda não aponta a necessidade de fundar uma nova internacional, mas já coloca a palavra de ordem de que é preciso libertá-la dos oportunistas, na forma do social-chauvinismo. Já consta a ideia de depuração, ou seja, para que ela seja reconduzida aos princípios do internacionalismo os seus elementos traidores precisam ser afastados, expulsos.

Mas a resistência à guerra e críticas ao SPD não se restringiu ao líder bolchevique. Na própria Alemanha os dirigentes do partido social-democrata alemão tiveram de enfrentar a crítica da ala esquerda da organização. Dois grandes revolucionários ousaram enfrentar sua direção e denunciar a guerra, recusando apoiá-la: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Rosa afirma que a guerra era um mecanismo fundamental para a acumulação de capital. Na sua

<sup>3</sup> “É evidente a traição ao socialismo por parte daqueles que votaram pelos créditos de guerra, entraram para os ministérios e advogaram a ideia da defesa da pátria em 1914-1915. Só os hipócritas podem negar este fato”. Idem. (LENIN, 1916).

perspectiva, o militarismo havia se transformado num elemento indispensável para o Estado burguês se defender contra a concorrência de outras nações, além de se revelar um campo excepcional para investimento de capital. Com o início do conflito, a revolucionária polonesa manteve-se firme em sua postura pela paz.

Um dos mais importantes documentos desse período é o artigo de Rosa, intitulado *A Crise da Social Democracia*, também conhecido como *O Folheto Junius*. Nesse texto, ela expôs toda sua crítica à sociedade burguesa e aos socialistas alemães que tinham conciliado com as aspirações imperialistas<sup>4</sup>. Ao lado de Liebknecht e outros militantes se manteve firme denunciando os discursos nacionalistas e fundou no final de 1915 o grupo “Internacional”, que mais tarde se transformou na *Liga Spartakus*. Entre julho de 1916 a novembro de 1918, Rosa foi encarcerada. Libertada no final de 1918, publicou com Liebknecht o jornal “Bandeira Vermelha” e dedicou-se bravamente à revolução de novembro. Após o fracasso da insurreição fundou ao lado de outros revolucionários o Partido Comunista Alemão (KPD) e em 15 de janeiro de 1919 foi assassinada junto com Liebknecht, pela repressão burguesa.

A adesão dos partidos socialistas ao social-chauvinismo foi um golpe muito duro para a Internacional Socialista. Desde o início da guerra a organização

estava imobilizada e caiu no descrédito. Tornou-se desacreditada e inoperante diante da política “defensista” dos seus membros. Que a II Internacional estava em frangalhos era praticamente um consenso entre os socialistas de esquerda. Afinal, como defendê-la diante da traição ao internacionalismo e adesão ao social-patriotismo? A grande questão que se colocava, era se ainda era possível reconstruí-la ou se seria necessário fundar de uma nova organização. Se sim, quais seriam as bases sobre as quais se reergueria essa nova associação? Essas eram as questões que começam a ser trabalhadas por Lenin, Trotski, Rosa e outros revolucionários que defendiam a urgência de uma organização internacional para a luta dos trabalhadores.

### O impacto da revolução russa e os debates sobre a nova Internacional

Em setembro de 1915, 39 socialistas europeus de 11 países se reuniram no vilarejo de Zimmerwald, uma pequena cidade nas montanhas suíças, para uma conferência. Foi o primeiro encontro internacional após o início da guerra. A iniciativa partiu do italiano Ordino Morgari, que após ter uma resposta negativa do presidente da Internacional, Vandervelde, se juntou à Martov, Trotski e outros militantes suíços e convocou a reunião independente da internacional. O objetivo da conferência era discutir uma saída contra a guerra a partir de uma orientação verdadeiramente internacionalista.

Depois de três dias de debates as divergências ficaram evidentes. O grupo majoritário adotou uma postura pacifista, contrária à guerra e ao social-patriotismo, mas sem uma proposta concreta que fosse além da luta contra a guerra. Uma minoria se aproximou de Lenin, que reafirmou sua crença no

<sup>4</sup> “Pisada, desonrada, patinando no sangue, coberta de imundície: eis como se apresenta a sociedade burguesa, eis o que ela é. (...) E no âmago deste sabá de feiticeira produziu-se uma catástrofe de alcança mundial: a capitulação da social democracia internacional. Seria para o proletário o cúmulo da loucura de alimentar ilusões quanto a isto ou encobrir esta catástrofe: é o pior que lhe poderia acontecer”. (LUXEMBURGO, 1915).

“derrotismo” adotando a palavra de ordem de “transformação da guerra imperialista em guerra civil” e na necessidade urgente da formação de uma nova Internacional. As propostas do líder bolchevique foram derrotadas.

O “Manifesto de Zimmerwald” foi elaborado por Trotski que concordava com a necessidade de uma nova internacional, embora ainda apresentasse resistência ao “derrotismo”. No texto, a guerra foi apresentada como resultado dos conflitos capitalistas, dos governos burgueses e dos socialistas que traíram o internacionalismo se rendendo ao social-patriotismo. Contudo, afirma Deutscher, “o manifesto era vago em suas conclusões. Não fala na guerra civil que daria à guerra imperialista e não previa a nova internacional” (DEUTSCHER, 2005, p. 281). Embora, a conferência de Zimmerwald não tenha se colocado oficialmente em favor da constituição de uma nova internacional, ela foi o esboço do que viria a se tornar uma nova organização socialista. “Surgiu assim o movimento que se tornaria o precursor da Terceira Internacional” (DEUTSCHER, 2005, p. 280).

As condições reais para a fundação de uma nova organização não eram favoráveis. O mundo europeu estava em guerra, o discurso social-chauvinista havia se proliferado pela imprensa burguesa e socialista, o movimento operário estava destruído e os partidos e sindicatos cindidos. Mesmo diante de todas essas dificuldades, Lenin aparece como um dos mais entusiasmados na defesa da nova internacional. No documento intitulado “Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução”, mais conhecido como *teses de abril*, ele reafirma sua crítica ao “defensismo” adotado pelos partidos social-

democratas<sup>5</sup> e coloca a tarefa da reestruturação do movimento internacionalista na ordem do dia.

Na última tese do programa, intitulada, “Renovação da internacional”, Lenin afirma de maneira clara que é preciso “construir uma Internacional revolucionária, uma Internacional contra os *sociais-chauvinistas* e contra o centro” (LENIN, 1980, p. 15). A proposta é de que a nova organização deve ser construída pelas forças que permaneceram fiéis ao movimento revolucionário internacional. Lenin aponta que não apenas os socialistas que conciliaram com a burguesia deveriam ser depurados, mas também os centristas, ou seja, aquela tendência que não aderiu abertamente ao social-patriotismo, mas também não assumiu posições verdadeiramente internacionalistas, permanecendo numa zona vacilante entre a direita e a esquerda. Para o líder bolchevique essa nova internacional deveria ser revigorada, construída a partir da crítica à social-democracia.

É difícil indicar o impacto da revolução russa na Europa e no mundo todo. Mas não é nenhum exagero dizer que o outubro vermelho de 1917 modificou a correlação de forças e abriu novas perspectivas para o movimento operário e para a construção da III Internacional. Muitos esperavam que a revolução começasse na Alemanha, afinal ela parecia reunir as condições objetivas e

<sup>5</sup> “A primeira tese indica que a guerra em curso é um conflito imperialista e que é injustificável qualquer concessão ao defensismo revolucionário. E que os operários só podem consentir com a guerra em condições determinadas; “a) passagem do poder para as mãos do proletariado e dos sectores pobres do campesinato que a ele aderem; b) renúncia de facto, e não em palavras, a todas as anexações; c) ruptura completa de fato com todos os interesses do capital” (LENIN, 1980c, p. 13).

subjetivas. Era industrializada, desenvolvida, possuía uma classe operária consciente e o partido social democrata mais tradicional. Não obstante, a revolução encontrou as portas fechadas na Alemanha avançada e se apresentou na Rússia atrasada. Foi na terra dominada pelo czarismo, ainda presa ao antigo regime e aos vestígios feudais, sem uma indústria desenvolvida e sem um proletariado numeroso que surgiram os soviets e um partido capaz de dirigir um processo revolucionário.

A revolução russa atraiu o interesse de pessoas do mundo todo. Todos aqueles que acreditavam no movimento operário, que lutavam por uma perspectiva nova de vida, para além do capital e da luta de classes, ficaram extasiados com aquela grande insurreição. De forma imediata ela despertou o movimento operário, impulsionou greves, manifestações e uma série de ações contra a guerra. Parecia indicar que havia novas possibilidades para os trabalhadores e que a revolução realmente poderia ser vitoriosa. Da mesma forma, as burguesias e forças conservadoras ficaram atentas aquele evento que passou a significar uma grande ameaça. O entusiasmo em torno da revolução era um fator de preocupação para o mundo capitalista. Os governantes temiam que os trabalhadores europeus se contagiassem e seguissem o caminho dos russos.

Os bolcheviques não eram muito conhecidos no meio socialista. Mesmo Lenin e Trotski não tinham o prestígio de Rosa, Liebknecht e outros teóricos e dirigentes do partido alemão. Mas a partir de 1917, seus nomes se tornaram as novas referências. O triunfo dos bolcheviques acabou por acentuar a crise no interior dos partidos socialistas.

A vitória dos russos parecia indicar um novo caminho, uma nova estrutura interna, uma nova maneira de militar e de lutar pela revolução. Se até então, era o partido alemão que servia como modelo, por ser a pátria dos líderes mais respeitados, agora eram os bolcheviques que surgiam como a nova direção do movimento comunista internacional. Não é possível compreender a fundação da III Internacional sem enfatizar o impulso gigantesco que a revolução russa proporcionou.

Para o partido bolchevique a criação de uma nova internacional não era uma questão apenas de solidariedade com o proletariado estrangeiro. Era muito mais do que isso. O tema se coloca como uma necessidade para a manutenção da sua própria revolução. Os revolucionários herdaram uma Rússia devastada pela guerra. Em 1918 a situação era de instabilidade total. Além de todas as dificuldades econômicas, com a agricultura estagnada, a produção industrial em frangalhos e a produção regredindo, outro problema imediato era a defesa da revolução diante da contrarrevolução que mergulhou o país numa guerra civil.

Nessas condições de extrema dificuldade, o auxílio de uma nova revolução na Europa ocidental e desenvolvida era condição indispensável para uma vitória definitiva na própria Rússia. A sobrevivência da revolução dependia da vitória do proletariado de outros países, dependia da continuidade da revolução mundial. Os russos precisavam de um fôlego novo e Lenin sabia que esse novo impulso só poderia ser dado pela constituição de uma nova internacional que fosse capaz de, uma vez livre do oportunismo social-democrata, orientar o movimento operário para novas revoluções.

Os primeiros aliados na construção da nova internacional foram os homens que haviam sido capturados durante a guerra e que ainda estavam em território russo. O império czarista tinha cerca de 2 milhões de prisioneiros de guerra. Homens de diversas nacionalidades que durante a guerra acompanharam de perto o processo revolucionário. Homens que entraram em contato com os trabalhadores e vivenciaram a luta dos soviets e sua organização. Alguns desses prisioneiros de guerra simpatizavam com os bolcheviques e se aproximaram do partido, transformando-se nos primeiros contatos. “A organização de prisioneiros de guerra nas “seções estrangeiras” do Partido Bolchevique é um dos episódios que constituem o prefácio ao nascimento formal da internacional” (BROUÉ, 2007, p. 61).

Vários grupos comunistas foram forjados desse contato entre os prisioneiros de guerra e a revolução. Vários operários social-democratas que se encontravam na Rússia se aproximaram dos bolcheviques e engrossaram suas fileiras, ajudando a divulgar e a fundar novos partidos comunistas em seus respectivos países. São na casa das centenas os prisioneiros que foram cooptados para o comunismo e quando libertados e enviados para casa se transformaram em importantes pontos de apoio. Assim nasceu os partidos comunistas húngaro, tchecoslovaco, turco, búlgaro e romeno<sup>6</sup>. Não obstante, estes vários

<sup>6</sup> “De todos esses casos, o mais emblemático é o grupo húngaro; do qual se destacam os nomes de Bela Kun e Tibor Szamuely. O primeiro se juntou aos bolcheviques ainda em 1917 e em março do ano seguinte fundou a seção húngara do partido russo e foi eleito presidente da Federação dos Bolcheviques das Seções Estrangeiras. Broué afirma que “Estes homens são próximos dos dirigentes russos, tomam parte

grupos comunistas que se forjaram no interior da própria Rússia foram apenas o embrião de uma nova internacional. Surgiram contatos, pequenas organizações, mas nenhum partido realmente forte capaz de auxiliar imediatamente os bolcheviques.

Os revolucionários russos permanecem atentos a situação alemã. E em novembro de 1918, quando o país entrou numa onda revolucionária, os bolcheviques viram a possibilidade de romper o isolamento. Em meio às manifestações das massas e a queda de Guilherme II<sup>7</sup>, surgiram os conselhos operários e se constituiu o Partido Comunista Alemão (KPD). Surgiu da fusão entre a *Liga Espartaquista* e o grupo Comunistas Internacionalistas da Alemanha (IKD). Mas ele entrou em cena quando a revolução alemã já estava em curso e não teve condições de influenciar verdadeiramente o processo revolucionário. Seus principais líderes eram Rosa e Liebknecht. Eles não pouparam esforços para lutar pela revolução e acabaram sendo presos pelas forças repressivas na noite de 15 de janeiro de 1919, passaram por um interrogatório e foram executados a sangue frio<sup>8</sup>.

Mesmo com os levantes na Alemanha e com a fundação do KPD, as perspectivas favoráveis aos

tanto nas discussões como nos combates. Podemos, inclusive, dizer que estes militantes fazem parte da direção bolchevique”. (BROUÉ, 2007, p. 62-63).

<sup>7</sup> Último imperador alemão e rei da Prússia. Abdicou ao trono em 1918 diante da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial.

<sup>8</sup> “A repressão alemã “golpeia na cabeça da revolução mundial na Europa, ao assassinar dois dos seus dirigentes mais prestigiosos: Rosa Luxemburgo, que era sem dúvida uma das maiores teóricas socialistas, e Liebknecht, genial agitador à estatura internacional de herói, não se conseguirá substituí-los”. (BROUÉ, 2007, p. 88).

bolcheviques logo se desfizeram. A revolução fracassou<sup>9</sup>. Ao se posicionarem favoráveis a via eleitoral e constitucional, os socialistas se posicionaram contrários aos conselhos operários e reduziram o órgão a impotência<sup>10</sup>. O poder escapou às mãos do proletariado alemão. A tão esperada vitória da revolução no ocidente não aconteceu imediatamente após a revolução de outubro e o isolamento russo persistiu.

O partido comunista alemão havia surgido, mas existiam divergências significativas com os bolcheviques. Seguindo as orientações de Rosa Luxemburgo, seus militantes mantiveram uma postura contrária à criação de uma nova internacional. Para ela, a formação de uma associação com esse caráter não poderia ser resultado de um decreto, tampouco ser apresentada e instituída pelo alto, sem apoio das bases

<sup>9</sup> “A Revolução de Novembro tinha sido desencadeada pela aversão dos marinheiros, soldados e operários à continuação da guerra e ao regime imperial; mas a revolução trouxe um só resultado substancial: a república – e, ainda por cima, uma república sem republicanos (...) a revolução alemã não resolveu nem as tarefas próprias de uma revolução democrático-burguesa”. (HÁJEK, 1985, p. 175-176).

<sup>10</sup> “Os membros do partido social democrata dentro dos conselhos conseguiram aprovar a linha política da destruição da dualidade de poderes e o desaparecimento dos conselhos enquanto órgãos de poder. A convocação da constituinte foi decidida”. (BROUÉ, 2007, p. 73). “Os conselhos eram, de fato, senhores da situação nas cidades (...) Em geral não tinham sido eleitos, mas semi formados com base num acordo entre os órgãos competentes dos partidos social-democratas. (...) Pode-se dizer que eles lutavam, ainda que com intensidade diversa para manterem-se em vida, e somente uma pequena parte adotava a palavra de ordem de conquista do poder: com efeito, o primeiro congresso nacional dos conselhos dos operários e soldados, que se reuniu de 16 a 21 de dezembro, decidiu confiar ao governo o poder legislativo e o executivo até a convocação de uma assembleia nacional”. (HÁJEK, 1985, p. 170).

operárias e sem diversos partidos comunistas fortes. Em suma, o partido alemão considera que as condições atuais do movimento operário não se mostram propícias para a criação de uma nova associação.

Mesmo com a negativa dos alemães, no início de 1919, os bolcheviques levaram adiante a proposta de fundação da nova internacional e deram início aos preparativos para a realização da conferência que deveria reunir os partidos interessados. Um dos documentos mais interessantes desse processo de criação da organização é a “Carta-Convite”, publicada no *Pravda* em 24 de janeiro. Redigida por Trotski e intitulada, *Convite para o primeiro congresso da Internacional Comunista*<sup>11</sup>, esse documento evidencia a influência da revolução russa sobre as linhas gerais que são apresentadas para a construção da nova internacional.

O documento é apresentado como uma plataforma elaborada a partir do programa da *Liga Espartaquista* e do Partido Bolchevique. Começa afirmando que consideram urgente a convocação de um congresso para a fundação de uma nova internacional, pois os partidos social-democratas haviam se convertido em partidos traidores e, portanto, se mostraram incapazes de qualquer ação verdadeiramente revolucionária no caminho da revolução mundial<sup>12</sup>. O

<sup>11</sup> TROTSKI. *La invitational primer congreso de la internacional comunista*. 1919. Disponível em:

[https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1919/1919\\_inv\\_ic.htm](https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1919/1919_inv_ic.htm). Acessado em 17 de abril de 2016.

<sup>12</sup> “Durante la guerra y la revolución se convirtió definitivamente claro no sólo que los viejos partidos socialistas y la social-democracias, y con ellos la Segunda Internacional, se había convertido completamente en quiebra, no sólo que los elementos a médio camino de La vieja

convite apresenta uma proposta com 15 pontos, divididos em três temáticas: Objetivos e táticas; A atitude diante dos partidos socialistas; A questão dos nomes e organização dos partidos.

Os primeiros pontos apresentam uma análise sobre a conjuntura econômica mundial. Afirmando que o período se caracteriza pela desintegração e colapso do sistema capitalista e que, se ele não for destruído, arrastará a humanidade para a catástrofe. Assim, a tarefa do proletariado é tomar o poder do Estado, destruir o aparato burguês e construir um novo Estado sobre princípios proletários. “Este nuevo aparato de poder estatal deberá encarnar La ditadura del proletariado” (TROTSKI, 1919). Já ficam evidentes algumas diferenças fundamentais entre a nova internacional e a via reformista-parlamentar muito difundida e praticada pelos partidos social-democratas. Não se almeja a melhorias das condições de trabalho ou reivindicações estritamente econômicas como a redução da jornada de trabalho e o aumento dos salários. O objetivo é a derrubada do Estado burguês e o estabelecimento da ditadura do proletariado. Assim, o convite expressa severas críticas à democracia burguesa parlamentar<sup>13</sup>.

---

socialdemocracia (ela sí llamado "centro") son incapaces de una acción revolucionaria positiva, pero que el perfil de una internacional revolucionaria verdadera ya están claramente definidos”. (TROTSKI, 1919).

<sup>13</sup> “Sin la falsa democracia burguesa- esa forma hipócrita del Estado de la oligarquía financiera con su igualdad puramente formal, sino una democracia proletaria, lo cual da a las masas trabajadoras la oportunidad de hacer realidad su libertad, sin parlamentarismo, sino el autogobierno de las masas por sus órganos electos, sin burocracia capitalista, sino órganos de administración creados por las propias masas, a las masas tomando parte en el gobierno del país realmente y en la construcción

Ainda sobre os objetivos e táticas, afirma-se que os métodos de luta são as ações de massas que devem desembocar em um conflito armado e direto contra o Estado burguês. Não são apresentados maiores detalhes sobre a questão da luta ou sobre a insurreição e tomada do poder em si. Mas de qualquer forma, esse primeiro ponto já deixa evidente que a questão da tomada do Estado é central para a nova internacional em construção.

O documento segue tratando dos partidos socialistas que compunham a II Internacional e destacam as diferentes posições existentes; os social-chauvinistas, os centristas e a esquerda revolucionária. Sobre os primeiros, afirma que a única atitude é a luta implacável contra essa vertente que, nos momentos decisivos, se coloca contra a revolução proletária. Quanto aos centristas vacilantes, liderados por Kautsky e ainda presos ao ideário da república burguesa, a atitude também é de afastamento. “La separación organizacional de los centristas es una cierta etapa del desarrollo absolutamente esencial” (TROTSKI, 1919). Para a construção da III Internacional se defende a formação de um bloco com os elementos revolucionários do movimento operário, mesmo com aqueles que não pertenciam ao movimento socialista anteriormente, mas que “ahora están en general por La ditadura del proletariado en la forma del poder soviético” (TROTSKI, 1919). Fica evidente que a postura da nova internacional diante dos partidos social-democratas é de uma depuração. Trata-se de construir uma nova organização, livre do social-patriotismo da direita e do oportunismo do centro. Assim, a

---

socialista, este debe ser el tipo del proletario Estado” (TROTSKI, 1919).

internacional deve surgir da aliança entre a esquerda revolucionária.

No último item da carta-convite, “A questão dos nomes e organização dos partidos”, se afirma que a III Internacional deve se constituir de grupos e organizações que abraçam uma plataforma comum e utilizam os mesmos métodos táticos. Ainda sobre os objetivos do congresso, afirma-se:

(...) debe establecer un órgano de lucha común con el fin de mantener el liderazgo de coordinación permanente y sistemática Del movimiento, un centro de la internacional comunista, La subordinación de los intereses del movimiento en cada país para el interés común de la revolución internacional. La real forma que debe adoptar La organización, La representación en el, etc., serán elaboradas por el congreso. (TROTSKI, 1919).

Destaca-se dessa passagem a concepção de que a internacional deve ser uma liderança, cumprindo um papel de coordenação do movimento operário. Também chama atenção, a ideia de subordinação dos interesses nacionais às necessidades da revolução mundial. Todavia, o documento não se aprofunda nessas questões, afirmando que são apenas algumas linhas gerais que devem ser debatidas durante o congresso.

Por fim, o décimo quinto ponto da carta-convite expõe claramente a questão da nomenclatura. Afirma-se que o congresso deve assumir o nome de “Primeiro congresso da Internacional Comunista” e justifica: “Marx y Engels ya había encontrado El nombre de “social-democracia” teóricamente falsos. La vergonzosa banca rota de La social-democracia ‘Internacional’ también se divisa una ruptura en este punto necesario” (TROTSKI, 1919). Mais uma vez se destaca a ideia de

ruptura. A nova internacional é chamada de comunista. Não é mais a internacional socialista. Sob influência da revolução russa e dos seus líderes, a nova organização caminha para uma ruptura com os social-democratas que se limitam ao jogo do parlamentarismo burguês e a reivindicações estritamente econômicas. Tendo o processo revolucionário russo como modelo, trazem em seu programa a luta pela tomada e derrubada do Estado burguês e construção da ditadura do proletariado. A mudança não se restringe à nomenclatura, mas atinge fundamentalmente as questões táticas. É com esse conteúdo que o convite é encaminhado para 39 partidos de 4 continentes.

### **O primeiro congresso da III Internacional**

O congresso se reuniu entre os dias 2 e 6 de março de 1919. A bibliografia pertinente ressalta o caráter pouco representativo da conferência e, de fato, participam ao longo dos 4 dias de reuniões e debates apenas 51 delegados. Muitos eram membros do partido russo e das repúblicas do leste europeu, mas também estiveram presentes delegados da França, Alemanha, Estados Unidos, Coreia e China. Não compareceu nenhum representante da América Latina.

Um debate central durante o congresso foi aquele em torno da própria fundação da nova internacional. Afinal, diante dessa baixa representatividade, a III Internacional deveria ser proclamada ou esse congresso deveria se transformar apenas numa reunião pré-fundação? Os representantes alemães, Eberlein e Platten, ainda seguindo as orientações de Rosa Luxemburgo, consideraram que a representatividade era muito baixa e que a fundação de uma nova internacional não seria legítima.

Propuseram que a proclamação formal fosse adiada, a fim de se preparar uma nova conferência com uma maior representatividade.

Por sua vez, os russos reconhecem que a assembleia não era suficientemente representativa, mas consideravam que a Internacional era necessária e urgente, pois a Europa pós-guerra vivia uma crise revolucionária. Por conseguinte, a maioria dos delegados se posicionou favorável à aprovação da fundação da internacional e durante a votação, a proposta só não foi aceita por unanimidade porque a delegação alemã se absteve<sup>14</sup>. Surgiu assim, a III Internacional, a internacional comunista (Comintern).

Além das discussões sobre a própria fundação, o tema mais marcante, presente em diversos documentos apresentados durante a conferência, gira em torno dos conceitos de Estado, democracia e ditadura. Esta problemática surgiu logo após o triunfo da revolução russa e se tornou uma grande polêmica entre os socialistas e comunistas. Assim, em 1919 esse debate também foi levado para a Internacional.

Quando os bolcheviques tomaram o poder em outubro de 1917, a questão do Estado foi posta em jogo. Uma Assembleia Nacional Constituinte foi convocada pelo governo provisório. As eleições se realizaram em novembro, mas beneficiaram justamente parte das forças que haviam sido derrotadas pela revolução. Os bolcheviques, que tinham a maioria entre os operários urbanos, conquistaram apenas 25% dos votos,

contra uma maioria de social-revolucionários, mencheviques e liberais. A constituinte caminhava para a consolidação de um Estado burguês-democrático, seguindo o modelo do mundo capitalista europeu. Todavia, em janeiro de 1918, a constituinte foi dissolvida pelos bolcheviques.

A revolução de outubro triunfou sob a palavra de ordem de *Todo o poder aos Sovietes*, e Lenin compreende que uma democracia aos moldes ocidentais, parlamentarista ou presidencialista, entra em contradição com as transformações que a revolução proletária precisava colocar em curso. Em sua concepção, tal democracia só poderia sufocar os soviets, arrancando o poder das bases, dos conselhos de fábricas e levando para o parlamento, para a representatividade burguesa<sup>15</sup>.

Mesmo antes da tomada do poder, Lenin escreve *O Estado e a revolução* e traz à tona toda essa problemática. Nessa obra, escrita na véspera da revolução de outubro de 1917, o líder bolchevique deixa claro que o processo revolucionário só pode ser levado ao termo com a derrubada do Estado e construção uma nova forma organizacional. Diante dessa encruzilhada histórica, Lenin tenta desvelar o caráter aparente e mistificador da república democrática burguesa. A democracia com seus princípios de liberdade civil e igualdade jurídica não retira do Estado, o seu caráter de classe. Partindo dessa

<sup>14</sup> Os documentos produzidos pelo I Congresso da III Internacional podem ser acessados no seguinte endereço: [http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first\\_congress\\_comintern\\_documents\\_portuguese.html](http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first_congress_comintern_documents_portuguese.html). Acessado em 21 de abril de 2016.

<sup>15</sup> “[...] esta Assembleia Constituinte, que devia ser a coroação da república parlamentar burguesa, não podia deixar de atravessar o caminho da Revolução de Outubro e do Poder Soviético. [...] As classes trabalhadoras tiveram de ser convencidas pela experiência de que o velho parlamentarismo burguês estava ultrapassado, de que ele é absolutamente incompatível com as tarefas da realização do socialismo”. (LENIN, 1980a, p. 451).

premissa, no discurso de abertura do primeiro congresso da IC, Lenin reafirma seu posicionamento sobre essa questão fundamental: “Camaradas, nosso Congresso reveste-se de uma grande importância na história mundial. Ele demonstra o fim de todas as ilusões da democracia burguesa” (LENIN, 1919a).

A democracia é apresentada como uma forma superior de dominação porque ela mistifica o Estado, encobrendo seu caráter de classe e de opressão, apresentando-o como livre e universal. Mas por trás dessas aparências predomina a lei do valor, a extração da mais-valia e a acumulação do capital. Portanto, mesmo sob a democracia parlamentar, o Estado continua sendo um órgão de classe:

Porque em nenhum país capitalista civilizado existe a «democracia em geral», existe apenas a democracia burguesa, e não se trata de «ditadura em geral», mas de ditadura da classe oprimida, isto é, do proletariado, sobre os opressores e exploradores, isto é, sobre a burguesia, com o objetivo de superar a resistência oposta pelos exploradores na luta pela sua dominação (LENIN, 1919b).

De acordo com Lenin, sob a égide do capitalismo não se pode falar em “democracia pura”, mas apenas em “democracia burguesa”. Na concepção do líder bolchevique, as ilusões em torno da república parlamentar foram desveladas pela guerra. O regime representativo burguês e suas instituições de harmonização social desapareceram com o conflito mundial, deixando às claras a verdadeira face do regime burguês. “A guerra imperialista de 1914-1918 revelou definitivamente mesmo aos operários atrasados o verdadeiro caráter da democracia burguesa, mesmo nas repúblicas mais

livres, como ditadura da burguesia” (LENIN, 1919b). Nessa perspectiva, o sistema eleitoral e a burocracia são apresentados como meras formas de dominação. “A mais democrática das repúblicas burguesas não sabe ser outra coisa que uma máquina de oprimir a classe operária à mercê da burguesia, a massa de trabalhadores à mercê de um punhado de capitalistas” (LENIN, 1919b). Cabe ao proletariado encontrar a maneira de romper com a dominação capitalista e criar uma nova forma organizativa. Lenin aponta que o grande legado da revolução russa foi “encontrar a forma prática que permitisse ao proletariado exercer sua dominação. Esta forma é o regime dos soviets com a ditadura do proletariado” (LENIN, 1919a).

Não se trata apenas de uma crítica à democracia burguesa, mas também da necessidade de se pensar uma nova forma de Estado. Uma organização transitória e revolucionária que seja capaz de aniquilar a resistência capitalista e construir novos princípios administrativos. A ditadura do proletariado é o período de transição, no qual o proletariado vitorioso na revolução toma o poder do Estado e o utiliza para expropriar a burguesia<sup>16</sup>. Quando o proletariado toma o Estado em suas mãos, a revolução usa o seu aparelho repressor para quebrar a resistência dos exploradores, destruindo as relações de produção baseadas na propriedade privada e construindo novas formas de relações de trabalho.

Em outro documento, intitulado *Plataforma da Internacional*

<sup>16</sup> “Entre a sociedade capitalista e a comunista há um período de transformação revolucionária da primeira para a segunda. Neste período político de transição, o Estado não pode ser outro que a ditadura revolucionária do proletariado”. (MARX, 1984, p. 19).

*Comunista*, redigido por Bukharin, e também produzido e apresentado na conferência, a discussão sobre Estado, democracia e ditadura, mais uma vez é o tema central. Afirma-se que na democracia burguesa a classe operária é convocada a participar da política apenas nas eleições, transformando-se em mera observadora, sem qualquer forma de participação ativa. Bukharin aponta que uma democracia verdadeira, na qual o proletariado realmente tem poder de decisão só pode ser construída a partir de órgãos de massa. Nesse sentido, “os soviets chamam à administração do Estado um número sempre maior de operários; apenas desta maneira todo o povo trabalhador é chamado a fazer parte efetivamente do Estado” (PRIMEIRO Congresso, 1919). Os soviets são apresentados como uma organização direta das massas trabalhadoras, distantes da representatividade parlamentar, a partir de baixo, de cada fábrica. Essa nova organização representa uma transformação radical de todo o velho aparelho de Estado burguês<sup>17</sup>. Por meio dos conselhos operários, organizados na base de trabalho, a organização e regulamentação da produção são decididas pelos próprios trabalhadores. Eles discutem, planejam e controlam a produção<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> “O Poder Soviético, isto é, a ditadura do proletariado, está organizado, pelo contrário, de modo a aproximar as massas dos trabalhadores do aparelho de administração. Tal é igualmente o objetivo da união dos poderes legislativo e executivo na organização soviética do Estado e da substituição dos círculos eleitorais territoriais pelas unidades de produção, como as fábricas”. (LENIN, 1919b).

<sup>18</sup> O projeto de regulamento sobre o controle operário dizia em seu primeiro artigo: “É introduzido o controle operário sobre a produção, conservação e compra-venda de todos os produtos e matérias-primas, em todas as

O primeiro congresso da III Internacional, influenciadas pela experiência russa da luta insurrecional direta contra o Estado czarista, apresentou um programa que se posicionou firmemente contra a via democrática. Ao contrário do que acreditavam e praticavam os partidos social-democratas, especialmente sua vertente revisionista e centrista, os comunistas partem do pressuposto de que luta da classe operária não pode ficar presa ao parlamentarismo e sua representatividade.

Ao trazer para o programa da Internacional a crítica à democracia burguesa, ao apontar a necessidade da tomada do poder do Estado e da construção da ditadura do proletariado pelo regime dos soviets, a recém-criada Internacional Comunista estava abraçando o modelo russo de revolução. Os bolcheviques foram os primeiros a realizarem uma insurreição bem-sucedida, derrubaram o poder instituído e construíram um regime que contrapunha a ordem burguesa. Era natural que essa experiência se transformasse em uma espécie de arquétipo.

#### Referências

DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky, O profeta armado*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.

HÁJEK, Milos. **A discussão sobre a frente única e a revolução abortada na Alemanha**. In: HOBSBAWM, Eric. *História do marxismo*. Vol. 6. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

LENIN, V. I. *A guerra e a social democracia da Rússia*. 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>. Acessado em 25 de março de 2016.

\_\_\_\_\_. *Discurso de abertura*. PRIMEIRO Congresso da Internacional Comunista. 1919a.

empresas industriais, comerciais, bancárias, agrícolas e outras”. (LENIN, 1980b, p. 408).

Disponível em:  
[http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first\\_congress\\_comintern\\_documents\\_portuguese.html](http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first_congress_comintern_documents_portuguese.html). Acessado em 21 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. *Oportunismo e a falência da II Internacional*. 1916. Disponível em:  
<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/01/falencia.htm>. Acessado em 23 de março de 2016.

\_\_\_\_\_. **Projeto de decreto sobre a dissolução da Assembleia Constituinte**. In: LENIN, V. L. *Obras escolhidas*. Vol. 2. Alfa-Ômega: São Paulo, 1980a.

\_\_\_\_\_. **Projeto de regulamento sobre o controle operário**. In: LENIN, V.L. *Obras escolhidas*. Vol. 2. Alfa-Ômega: São Paulo, 1980b.

\_\_\_\_\_. **Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução**. In: LENIN, V.L. *Obras escolhidas*. Vol. 2. Alfa-Ômega: São Paulo, 1980c.

\_\_\_\_\_. *Teses sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado*. 1919b. Disponível em:

[http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first\\_congress\\_comintern\\_documen](http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first_congress_comintern_documen)

[ts\\_portuguese.html](ts_portuguese.html). Acessado em 21 de abril de 2016.

LUXEMBURGO, Rosa. *A crise da social democracia*. 1915. Disponível em:  
<https://www.marxists.org/portugues/luxemburg/1915/junius/cap01.htm>. Acessado em 28 de março de 2016.

MARX, Karl. *Crítica do programa de Gotha*. Rio de Janeiro: Ciência e Paz, 1984.

PRIMEIRO Congresso da Internacional Comunista. LENIN, V. L. *Discurso de abertura*. 1919. Disponível em:  
[http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first\\_congress\\_comintern\\_documents\\_portuguese.html](http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first_congress_comintern_documents_portuguese.html). Acessado em 21 de abril de 2016.

PRIMEIRO Congresso da Internacional Comunista. *Plataforma da Internacional Comunista*. 1919. Disponível em:  
[http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first\\_congress\\_comintern\\_documents\\_portuguese.html](http://ciml.250x.com/archive/comintern/portuguese/first_congress_comintern_documents_portuguese.html). Acessado em 21 de abril de 2016.

TROTSKI. *La invitational primer congreso de la internacional comunista*. 1919. Disponível em:

[https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1919/1919\\_inv\\_ic.htm](https://www.marxists.org/espanol/trotsky/1919/1919_inv_ic.htm). Acessado em 17 de abril de 2016.